

O sonho renovado

14 DEZ 1989

WALTER GOMES

CORREIO BRAZILIENSE

gislativo é poder autônomo e não caudatário do princípio.

Encerra-se, amanhã, uma atribulada legislatura. Assim determina a Constituição elaborada pelos parlamentares que, majoritariamente, se afastam da Câmara e do Senado por decisão pessoal ou por desígnio das urnas. Foi ampla, mas não surpreendente, a renovação nas duas Casas, examinando o quadro, apenas, pelo demonstrativo dos cálculos aritméticos estritos. Não cabe, na análise, usar o verdadeiro significado da expressão latina *renovare*, empregada pelo mestre Machado de Assis em *Histórias sem data*: "... se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires".

Saem da liga deputados e senadores que escreveram o novo texto constitucional para ceder seus lugares aos que irão revê-lo, pressionados pela realidade de um país em crise e comprometidos com o esquema político-financeiro que lhes garantiu o mandato no Congresso Nacional.

Apesar de conhecido o perfil de grande parte dos futuros congressistas, é cedo, ainda, para conjecturar comportamentos e dedicações. É presumível, contudo, que a bancada na próxima legislatura se disponha a modificar, até com volúpia, determinações constitucionais relacionadas com conquistas eventuais da classe trabalhadora. Supõe-se, também, que os novos parlamentares, inspirados nas ocorrências recentes do Leste Europeu, criariam mecanismos para diminuir a força do Estado e ampliar a do cidadão. Imagina-se, ainda, que, conscientes do poder constitucional que instrumentalizam em nome da sociedade, protejam a Nação contra essa paranoíá institucionalizada de medidas provisórias. O Congresso terá de se precaver para não cair no desvão ocupado pela vocação autocrática explícita. O Le-

Nesse momento, de graves dificuldades econômicas, problemas sociais preocupantes e conflitos políticos exacerbados, as instituições livres necessitam de um Parlamento ativo, mas sem soberba; conciliador, mas sem medo. A negociação será a palavra chave para que o País chegue a um entendimento e não derive na ingovernabilidade. Alguns parlamentares farão falta, no primeiro instante, porque marcaram suas passagens pela competência e disciplina no exercício das costuras políticas. Mas, outros, tão competentes e discretos, permanecem a serviço da paciente articulação. Entre os que se ausentam — pelo menos, temporariamente —, encontram-se personalidades como Paes de Andrade, Anna Maria Rattes, Fernando Lyra, Luiz Inácio da Silva — o Lula —, Lysâneas Maciel, Hélio Duque, Euclides Scalco, Marcondes Gadelha, Fernando Gasparian, Jorge Bornhausen e Saulo Queiroz. Ficam de prontidão cívica vocações políticas dedicadas à defesa do Legislativo, como Ulysses Guimarães, Mauro Benevides, Rita Camata, José Genoino, Fernando Henrique Cardoso, Ubiratan Aguiar, Mário Covas, Amaral Netto, Israel Pinheiro Filho, Jamil Haddad, Ibsen Pinheiro, Antônio Britto e Amaury Muller.

O que vem por aí, carimbado com a marca do conservadorismo, certamente, não promete enriquecer o pensamento político, o compromisso social e a militância parlamentar. É conveniente, entretanto, não prejugar. O Brasil poderá ter surpresas agradáveis com a próxima legislatura. Os que chegam não esquecerão o que aconteceu em outubro. Aprenderam que o julgamento popular é implacável. Por isso, ao contrário do que saiu do grito desesperado de John Lennon, o sonho não acabou: renova-se. Sonhar é preciso. O sonho é uma vida paralela.